

A dimensão antropológica da música e o canto na iniciação cristã

*Luciene dos Santos*¹

Resumo: O presente artigo pretende evidenciar a importância da dimensão antropológica da música e o canto na iniciação cristã, uma vez que são elementos indispensáveis para o processo catecumenal. Assim sendo, a música religiosa estabelece uma harmonia espiritual e integradora, pois, há na sua essência uma mensagem de fé: salvífica e libertadora. Portanto, cantamos em conformidade com o projeto de amor de Deus. Em seguida, irei discorrer sobre o papel da música e o canto na reconstrução da identidade, pois atua integrando socialmente os membros da comunidade de fé, em vista das necessidades antropológicas do ser humano que vão sendo atendidas durante as etapas da iniciação cristã. Por conseguinte, destacarei que uma das funções da música é a de ser humanizadora, pois o canto dá aos sentimentos e às emoções humanas toda a sua verdadeira expressão, podendo impactar e transformar as nossas ações expressadas através dos nossos sentidos, visto que o corpo externa aquilo que é sentido e provocado internamente em sintonia com o ritmo da música.

Palavra-chave: Dimensão Antropológica. Música. Canto. Iniciação Cristã.

INTRODUÇÃO

A música com os seus mais variados estilos, sempre se fez presente na história e, sobretudo, nas fases do desenvolvimento humano. Sendo assim, de acordo com Kolling, “há vários tipos de música – canto, dependendo da finalidade para a qual foi feita: música para dançar, marchar, relaxar, curar, brincar, ninar, trabalhar, produzir mais, música para rezar e entrar em contato com Deus.” (KOLLING, 2011, p. 156). Por isso, percebemos que a música e o canto contribuem para o processo de integração social na Iniciação Cristã.

Assim sendo, a música é um elemento essencial para a manifestação da fé nas mais diversas culturas, fazendo-se presente nas tradições religiosas, o que a torna parte integrante na construção humana, social, histórica e, sobretudo, religiosa de uma sociedade. Portanto, a música é uma das mais encantadoras demonstrações dos sentimentos humanos.

1 UMA PERCEPÇÃO ANTROPOLÓGICA DA MÚSICA E O CANTO

A música como um meio de sociabilidade, desempenha um papel de suma importância nas relações humanas, pois ela, proporciona a interação das vozes e corações, levando os ouvintes a perceberem a sua beleza. Por essa razão, Kolling nos diz que “a música é feita de som, melodia e ritmo; o canto lhe acrescenta as palavras, o texto, a mensagem, a poesia.” (KOLLING, 2011, p. 156).

Por isso, Pinto ressalta que

¹ Mestranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio (e-mail: luci.ene.cris15@gmail.com.br).

A inserção da música nas várias atividades sociais e os significados múltiplos que decorrem desta interação constituem importante plano de análise na antropologia da música. A relação entre som, imagem e movimento é enfocada de forma primordial neste tipo de pesquisa. Aqui música não é entendida apenas a partir de seus elementos estéticos, mas, em primeiro lugar, como uma forma de comunicação que possui, semelhante a qualquer tipo de linguagem, seus próprios códigos. Música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade. Ao mesmo tempo é singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural. (PINTO, 2001. p. 223).

Não obstante, percebemos nas mais diversas tradições religiosas que a “música funciona como agente social de integração, aproximando os indivíduos que a compartilham.” (SILVA, 2017, p. 15). Em vista disso, a música e o canto tornam-se um meio efetivo de comunicação entre as pessoas de um determinado grupo ou instituição social.

Assim sendo, a música e o canto na iniciação cristã são de suma importância, uma vez que são recursos indispensáveis para o processo catecumenal. Portanto, a música religiosa estabelece uma harmonia espiritual e integradora, visto que há na sua essência uma mensagem de fé: salvífica e libertadora. Em vista disso, Bento XVI afirma: “se ademais pensamos naquilo que a pedagogia representava para os antigos – um encaminhar-se ao essencial, e mesmo em processo de salvação e libertação -, não desprezaremos esse aspecto da música” (BENTO XVI, 2017, p. 34), uma vez que o canto funciona como um meio de comunicação que nos orienta através daquilo que está sendo cantado, pois quando cantamos, estamos do mesmo modo, comunicando a vida, nos sociabilizando e transmitindo uma “boa nova”.

Portanto, “a musicalidade tem o poder de nos levar à transcendência, de retornar às saudosas e subterrâneas memórias” (SILVA, 2017, p. 17), que vão aflorando diante de cada nota, de cada melodia e, se atualizando em nossas mentes e corações. Logo, as nossas experiências vivenciadas na iniciação cristã também são marcadas pelas canções religiosas que nos remetem a celebração dos sacramentos e a toda vida litúrgica, visto que a música e o canto contribuem para o nosso crescimento espiritual.

1.1 A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA E O CANTO NA VIDA HUMANA

A vida humana é renovada em Jesus Cristo, ou seja, segundo Rubio, “uma nova humanidade é inaugurada, incorporando-se ao Cristo e aceitando ser transformada por Ele,” (RUBIO, 2001, p. 205). Deste modo, quanto mais voltados e abertos para Deus, tanto mais nos assemelhamos a Ele, e introduzimos em nossas vidas, elementos que nos humanizam, nos integram e, sobretudo, que nos provocam através daquilo que ouvimos e cantamos.

Não obstante, na atualidade, há uma crescente perda de identidade, contudo a música também tem o papel de reconstruí-la, pois atua integrando socialmente os membros da comunidade de fé, em vista das necessidades antropológicas do ser humano que vão sendo atendidas durante as etapas da iniciação cristã. Diante disso, O Papa Bento XVI ainda resalta que “a música de Igreja, conforme essa visão das coisas, significa antes de tudo que o ‘povo de Deus’ expresse sua identidade no canto” (BENTO XVI, 2017, p. 78). Assim, ao nos identificarmos com uma música temos a nossa vida “tocada” por ela. Por isso, a vida depende, então, do relacionamento da imagem humana com o original divino e com a tarefa que isso implica. Certamente a música nos proporciona a oportunidade de refletirmos diante daquilo que somos.

No entanto, sabemos que a vida está sempre em movimento e, quando nos deixamos conduzir em direção ao Criador, entramos em harmonia com toda a criação, com tudo aquilo que está diante de nós e, então, a música e o canto, nos dirige através de movimentos harmônicos a trilhar a estrada do conhecimento de Deus por meio de todo o processo da iniciação a vida cristã.

1.2 A LINGUAGEM CORPORAL DA MÚSICA E O CANTO

Por meio da linguagem corporal podemos expressar aquilo que sentimos e, sobretudo, refletirmos sobre o que cantamos. Pois, “é a presença atuante do espírito que torna transparente, até certo ponto, o corpo humano. Acontece sobretudo com o olhar, com a expressividade facial, com os gestos e palavras do ser humano” (RUBIO, 2001, p. 345), levando-o ao autoconhecimento, transportando-o para o seu interior, fazendo-o mergulhar efetivamente naquilo que é essencial para testemunhar a fé por meio das expressões corporais. À vista disso, Santo Agostinho diz:

se você toca com o seu dedo uma parte sensível do seu corpo em dado ritmo, essa ação é sentida pelo tato a cada vez que for realizada, de modo que esse movimento ritmado não pode ser estranho àquele que o sente; não pergunto, pois, onde está o sentido do toque – é claro que está no tato –, mas o ritmo, mesmo na ausência do tocar. (AGOSTINHO, 2019, p. 192)

Há uma sensibilidade que transcende os nossos sentidos diante de uma música sacra, fazendo com que o nosso corpo responda aos estímulos provocados pelo som e pelas melodias. Eles são captados por nossa audição causando mudanças no nosso comportamento de acordo com o impacto provocado pelo canto. A sacralidade da obra permite que os seus ouvintes manifestem aquilo que estão experienciando por meio de sua corporeidade. Sendo assim, vários estudos comprovaram que cantar reduz a tensão, trazendo benefícios para o corpo e para a alma. Borobio relata que

o melhor modo de potenciar o falar naquilo que tem de vibração corporal e respiratório, de alento e de ritmo é torná-lo canto, cantar, can-

ção, cantarolar. (Assim ele passa de fato a em-canto, em-cantamento). Leva-se até as últimas possibilidades o que é emissão de uma voz, a vibração de cordas vocais, dos lábios, da língua, a pulsação de um órgão cardíaco. De qualquer maneira, a voz modulada na linguagem falada, na alocução, com seus matizes e suas tonalidades, já é dotada de musicalidade. (BOROBIO, 2002, p. 197).

Ao ser embalado, conduzido ou tocado por uma melodia, é acionada a nossa capacidade de escuta, de atenção, de comoção, fazendo com que haja algumas manifestações provocadas pelos sons, uma vez que, a música e o canto têm o “poder” de transformar, acalmar, restaurar e aliviar as nossas dores, sofrimentos e sentimentos, pois a música está em consonância com aquilo que ouvimos e apreendemos na iniciação cristã.

De acordo com Ridley,

postula-se a existência de um mecanismo psicológico inato ou natural de modo que certos estímulos musicais produzem automaticamente uma resposta emocional no ouvinte. Por exemplo, padrões de tensão e alívio musicais, quando percebidos pelo ouvinte esclarecido, acionam emoções. Esta associação torna a ligação entre música e emoção filosoficamente inerte. (RIDLEY, 2008, p. 107).

A emoção é sentida em resposta à melodia, pois o canto acaba sendo associado a uma outra experiência vivenciada pelo ouvinte. Todavia, nas nossas celebrações litúrgicas, sempre houve uma preocupação com o uso de determinadas músicas, principalmente em missas de sétimo dia, aonde os ouvintes chegam fragilizados. Dessa maneira, não sejam atingidos emocionalmente de forma negativa, uma vez que, a música tem a capacidade de nos atingir e, até de influenciar.

Fonseca revela que

Santo Atanásio (séc. IV) nos faz um alerta sobre o poder terapêutico dos salmos: ‘Sentis necessidade de penitência e de perdão? Estais oprimidos pela desventura ou pela tentação? Alguém de vós está triste, aflito ou de bem com a vida, alegre por ter conseguido vencer o inimigo, quer louvar, dar graças e glória a Deus Recorrei aos salmos: neles encontrareis matéria mais que suficiente para sua necessidade e podereis oferecer a Deus, como se fossem seus, todos os sentimentos’. Embora percebamos que, necessariamente, não esteja falando dos 150 salmos, o apóstolo Paulo nos recomenda a fazer uso dos salmos em todas as circunstâncias da vida. (FONSECA, 2005, p. 75).

Os relatos bíblicos nos ensinam que a música é curativa, que alivia as dores do corpo e, sobretudo, da alma. Nghiem esclarece que, “já se reconhecia que a música produzia sobre o espírito efeitos misteriosos, uma emoção profunda e mesmo uma ação benéfica, para não

dizer terapêutica. Ela fazia perceber a noção do sagrado” (NGHIEM, 2018, p. 57). Por esse motivo, o som, causa motivação para um determinado movimento corporal, sendo que a sensação de bem-estar realizada no corpo é de suma importância, já que “a música é, portanto, a ciência das belas modulações ou dos movimentos bem ordenados” (AGOSTINHO, 2019, p. 8). Em razão disso, “ela libera o caminho obstruído que conduz ao coração, ao centro do nosso ser, ali onde ele entra em contato com o ser do Criador e do Redentor. Ao conseguir fazer isso, a música torna-se o caminho que conduz a Jesus, o caminho pelo qual Deus provou sua salvação” (BENTO XVI, 2017, p. 72).

Ao ser embalado, conduzido ou tocado por uma melodia, é acionada a nossa capacidade de escuta, de atenção, de comoção, fazendo com que haja algumas manifestações provocadas pelos sons, uma vez que, a música tem o “poder” de transformar, acalmar, restaurar e aliviar os nossos pensamentos, as nossas dores, sofrimentos e sentimentos. Portanto, “a voz habita nosso corpo, que vibra inteiro quando ela soa, porque é o corpo todo, como nosso instrumento musical, que canta, e não apenas a voz” (KOLLING, 2011, p. 43).

1.3 AQUILO QUE EU CREIO, ESTÁ NAQUILO QUE EU CANTO

A fé nasce no mais recôndito do nosso ser e procede do nosso interior, isto é, do coração. Em razão disso, percebemos que as músicas cantadas durante os encontros catequéticos ou, nas celebrações eucarísticas, estão em consonância com aquilo que acreditamos, já que, a música e o canto são elementos utilizados para testemunhar o que cremos.

Kolling destaca que

na liturgia celebramos aquilo em que cremos, o que supõe uma catequese celebrativa e uma liturgia catequética, levando em conta sua dimensão orante, dialogal, festiva, que nos faz cantar as maravilhosas obras de Deus em nosso favor, sobretudo em Jesus Cristo e em seu Mistério Pascal, que renovamos e atualizamos em cada celebração eucarística. (KOLLING, 2011, P. 135)

Desta maneira a fé é motivada por algo que nos tocou sensivelmente. Por isso, Santo Ambrósio assegura que “a fé é portanto, o trâmite entre os sinais e Cristo. Com fé se percebe o “sinal” (Cristo fez o sinal, os milagres, e creram nele), se toca a realidade concreta da salvação realizada em Cristo.” (AMBRÓSIO, 2019, p.18). Consequentemente, ela proporciona uma vivência em comunhão com os ensinamentos Jesus, já que a revelação se dá mediante a fé.

A beleza do canto nos impulsiona ao louvor que desperta os nossos sentidos efetivamente, pois mandamos toda a nossa energia em exaltação ao Senhor. A música sublima toda a oração externando os nossos sentimentos e as nossas emoções. Portanto, “a integração dos sentidos no espírito lhes concede uma nova profundidade, que lhes permite alcançar a infinitude da aventura espiritual.” (BENTO XVI, 2017, p. 90).

Na verdade, a fé é um pressuposto para sermos cristãos, uma vez que crer é o abandono de si mesmo para confiar no Senhor. Quando cantamos as nossas vozes encontram-se em uníssono, nos elevamos com a música em direção a Deus. A música faz parte da nossa vida, visto que ela está inserida em todas as situações vivenciadas pelos seres humanos. Logo, ao cantarmos as maravilhas do Senhor, cantamos com a alma em resposta a tudo aquilo que foi realizado em nosso ser.

Os documentos da Igreja nos orientam acerca daquilo que convém e o que não convém a um cristão no que concerne à música. Por isso devemos cantar de acordo com a vontade de Deus e a luz do Evangelho, visto que o canto foi criado para rende graças ao Senhor. Por conseguinte, a música faz-se essencial em nossas vidas.

O livro dos salmos santifica a música para o louvor ao Senhor: “Louvai-o com toque de trombeta, louvai-o com cítara e harpa; louvai-o com dança e tambor, louvai-o com cordas e flauta; louvai-o com címbalos sonoros, louvai-o com címbalos retumbantes! Todo ser que respira louve a Iahweh!” (Sal 150,3-6). O salmista ao expressar os seus sentimentos nos ensina o verdadeiro louvor que serve como modelo para o nosso cantar. Então, ele nos mostra que a nossa vida deve ser um eterno louvor, isto é, no final tudo será glorificado.

Os instrumentos dão equilíbrio e harmonia ao canto trazendo a suavidade do espírito durante a oração. Assim sendo, a espiritualidade é essencial para demonstrarmos aquilo que cremos através da música. Por conseguinte, precisamos discernir se aquilo que cantamos está de acordo com a nossa fé, pois o nosso cantar deve traduzir o que cremos, visto que o canto deve produzir em nós uma mudança interior. Oxalá que o nosso canto possa ser testemunho daquilo que vivemos e cremos em comunhão com a Igreja. “Por isso, A liturgia abre-se para o canto, que Paulo chama de “salmo”, definindo-o assim de forma musical e teológica.” (BENTO XVI, 2000, p. 66).

2 O PAPEL DA MÚSICA E O CANTO NA INICIAÇÃO CRISTÃ

Uma das funções da música é a de ser humanizadora, pois o canto dá aos sentimentos e às emoções humanas toda a sua verdadeira expressão, podendo impactar e transformar as nossas ações expressadas através dos nossos sentidos, visto que o corpo externa aquilo que é sentido e provocado internamente em sintonia com o ritmo da música. À vista disso, cantar juntos manifesta e estimula a unidade das vozes, pensamentos e corações.

Borobio considera que

em todas as culturas, o falar e o cantar sempre estiveram muito próximos, distinguindo-se mais em termos quantitativos do que qualitativos. A meditação, a prece do coração, sempre teve seu apoio natural na palavra articulada, na fórmula dita, proferida. Nunca se orou na interioridade pura. O ‘pensar’ em forma de reflexão, de ideias, sem nenhum acompanhamento corporal exterior, é um produto típico do

racionalismo moderno. E, em termos mais amplos, erigidos em método dominante, é um fato involutivo, pois ignora a realidade encarnatória, unitária, do homem. (BOROBIO, 2002, p. 196-197).

As primeiras comunidades cristãs mantiveram alguns elementos culturais dos seus antepassados, por isso, tinham no canto uma das formas de oração, de contemplação, de dialogar com Deus, de estar na presença do Senhor. Os salmos eram concebidos como um elemento essencial para a vida dos cristãos, em vista disso, eles continuaram fazendo parte da vida nova do povo judeu, ou seja, uma vida nova em Cristo.

Assim sendo, Pagola explica que

os cristãos das primeiras comunidades sentiam-se, antes de tudo, seguidores de Jesus. Para eles, crer em Jesus Cristo é enveredar por seu “caminho”, seguindo seus passos. Um antigo escrito cristão, conhecido como carta aos Hebreus, diz que é um “caminho novo e vivo”. Não é o caminho transitado no passado pelo povo de Israel, mas um caminho “inaugurado para nós por Jesus” (Hb 10,20). (PAGOLA, 2012, p. 9).

Sabemos que a fonte da iniciação crista está na Palavra de Deus. Por essa razão, a Palavra de Deus nos orienta por meio dos seus ensinamentos que perpassam o tempo, sendo um fio condutor para a humanidade, visto que o homem necessita e deseja estar na presença de Deus. O saltério foi atribuído ao Rei Davi, subtende-se este paralelismo: Davi é o rei que deu morada a Deus em Israel, sobre a montanha santa; ele é o novo fundador do culto e o é precisamente pelo fato de ter dado ao povo santo a maneira de cantar dignamente a Deus (BENTO, 2017, p. 65).

A música deve ser um estímulo para uma participação frutuosa na iniciação cristã, estimulando uma integração harmoniosa entre os catequizandos, levando-os a uma integração com a comunidade. Kolling salienta que

Como a criança tem especial predileção pelo canto, este deve ser fomentado e bem usado. Importante e esclarecedor é o número 31: ‘Para facilitar a participação das crianças no canto do Glória, Creio, Santo e Cordeiro de Deus, é lícito adotar as composições musicais apropriadas com versões populares aceitas pela autoridade competente, ainda que literalmente não estejam de acordo com o texto litúrgico’. Tenha-se, porém, o cuidado para que o canto não distraia, mas as ajude a rezar e vivenciar cada momento celebrativo. (KOLLING, 2011, pp. 135-136).

Os relatos bíblicos nos indicam acerca da musicalidade dos cristãos, mediante os testemunhos daqueles que foram testemunhas ocular ou, discípulos daqueles que comprovaram os milagres e prodígios realizados na vida daqueles que creram e abraçaram o cristianismo.

Dado isso, o louvor tornou-se constante em sintonia com aquilo que era experienciado por eles. Em função disso, “o canto é um dos meios mais eficazes e pedagógicos para a formação cristã e litúrgica, pessoal e da assembleia” (KOLLING, 2011, P. 106).

Os cânticos inspirados pelos cristãos eram repletos de alegria e, buscavam transmitir tudo aquilo que estavam vivenciando no cotidiano das comunidades. Desta forma, suas reuniões se transformavam em momentos festivos, isto é, num ensejo de ação de graças que por meio da fé comunitária davam testemunho do amor, sendo conduzidos e inspirados pelo Espírito de Deus. Percebe-se a força e presença atuante da catequese dos apóstolos, formando os novos discípulos e discípulas do Senhor.

Através da explanação de Von Allmen, há uma certeza de que

a Igreja sempre usou hinos e cânticos em seu culto. A importância que podem e devem ter é evidenciada de modo claro pelo número de referências a eles que encontramos no Novo Testamento. Ademais, essas referências têm um teor muito semelhante ao das citações que o Novo Testamento faz do Antigo, o que demonstra que essa forma de oração era considerada proveniente não tanto do coração humano, mas da inspiração do Espírito Santo. Assim, não é de surpreender encontrarmos no Novo Testamento referências a *Odei Pneumatikai* (Cl 3,16). (VON ALLMEN, 1968, p. 195).

Ao fazermos a nossa opção fundamental por Jesus, acolhemos a fé plenos de esperança nos abrindo à graça, pois a fé implica em uma adesão a Deus que pode levar-nos a uma aceitação do Seu projeto amor, uma mudança de vida ou até a uma ruptura com o passado sem o Senhor. Em vista disso, “o patrimônio sagrado da fé (*“depositum fidei”*), contido na Sagrada Tradição e na Sagrada Escritura, foi confiado pelos apóstolos à totalidade da Igreja” (CATECISMO, 2000, p. 84). Desta forma, a fé é um dom, uma graça que recebemos e devemos praticá-la. Por isso, São Paulo diz a Timoteo: “guarda o depósito, evita o palavreado vão e ímpio, e as contradições de uma falsa ciência, pois alguns, professando-a, se desviaram da fé” (1Tm 1,20-21).

Por conseguinte, a iniciação cristã contribui de forma efetiva para a construção de um mundo mais humano. O espaço litúrgico é um lugar de acolhimento que congrega o povo de Deus para juntos tornarem-se um sinal de fé, incorporando-se no mistério salvífico de Cristo, testemunhando o que está sendo celebrado já que, comemorar juntos, nos conduz ao mesmo propósito: cantar a fidelidade do encontro com Deus na liturgia da Igreja.

Por isso, a música e o canto como elementos da iniciação cristã, devem auxiliar nos encontros de preparação para a celebração dos sacramentos e da vida da litúrgica da Igreja, pois o documento de Aparecida chama a nossa atenção para a eficácia da evangelização quando nos diz: “ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para seu seguimento, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora”

(Dap, 287). Sabemos que a responsabilidade pela iniciação cristã é da catequese, porém, esse é um processo que deve ser assumido por toda a Igreja.

2.1 A MÚSICA E O CANTO NA LITURGIA

O Papa Bento XVI nos diz que “a liturgia é o verdadeiro lugar de nascimento da arte, a partir do qual esta recebeu sua necessidade antropológica e sua legitimação religiosa” (BENTO XVI, 2017, p. 90). No entanto, as celebrações litúrgicas refletem a beleza do ato litúrgico. Por isso, segundo Beckhauser “o canto dá o colorido típico de cada tempo e de cada festa” (BECKHAUSER, 1984, p. 268), tornando o ambiente acolhedor, alegre e cheio de esplendor. Entretanto, a festa não existe sem liturgia, sem esse poder de celebrar que foi dado à humanidade e que a transcende harmonizando o ambiente da celebração.

Borobio atesta que

não existe festa sem canto nem celebração sem música. Na liturgia cristã, esse dado fundamental de fenomenologia antropológica é ainda mais verdadeiro e evidente. Porque a celebração litúrgica se move no âmbito do inefável, do mistério, bem como da comunidade por antonomásia, a saber, a comunidade eclesial. E a linguagem mais própria desses âmbitos é a do canto. (BOROBIO, p. 195).

A música aguça a nossa sensibilidade diante do som que escutamos. Os primeiros cristãos celebravam em diversos momentos e ocasiões. Participar de uma festa implica celebrar com alegria e louvor em meio as melodias. Ao festejar com o Jesus que se faz presente no meio de nós e, a saber, é o motivo e o centro da festa, pois comunicamos e cantamos a vida que provém dele. Assim sendo, toda a criação canta ao seu criador, pois a vida é um dom de Deus.

A liturgia e a música foram irmãs desde as suas origens. A música também tem a capacidade de unir na diversidade, tornando-se companheira de todos os momentos. Não obstante, pessoas de credos diferentes dão as mãos escutando um louvor, pois o canto integra aqueles que também pensam diferente. Borobio ainda diz que

o canto une efetivamente na diversidade e na variedade. Numa sociedade tão complexa como a nossa, tão permeada de pluralismo e de tensões, é muitas vezes o único modo de comunicação. O permitir e o fazer que voz pessoal se funda com a dos outros são uma forma de ajudar a pessoa a abdicar de si mesma e a abrir-se aos outros. Surge então a “unanimidade”, no sentido de que, mediante a “una voce” (Rm 15,6), chega-se ao “cor unum et anima una” de At 4,32. O grupo obtém coesão e a comunidade se consolida. Para os padres, esse valor, essa eficácia de fazer comunidade foi um dos motivos principais de recomendarem o canto. (BOROBIO, p. 195)

Os cantos, além de unirem as vozes, transformam as nossas ações, pois homens e mulheres são embalados pela mesma melodia que conduzida de forma harmoniosa tem o poder de unir todos os povos. Por isso, o canto litúrgico nasce de uma comunidade de fé que atua de forma concreta. O texto do Concílio Vaticano II atesta que a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força. Os trabalhos apostólicos visam a que todos, como filhos de Deus, pela fé e pelo batismo, se reúnam para louvar a Deus na Igreja, participar do sacrifício e da ceia do Senhor. (SC 10)

Di Sante nos diz que a

primeira e fundamental importância do momento litúrgico, tomado como lugar simbólico e imediato do encontro com Deus, o lugar onde não se fala de Deus mas se fala a Deus, no qual não se pensa em Deus, mas se pensa diante de Deus, onde Deus não é objeto de reflexão, mas sujeito que nos dirige a palavra. É este espaço, feito de ações, de palavras, de músicas, de movimentos, de atenção, de narrações, de silêncios, de mitos e ritos, o espaço histórico privilegiado, no qual Israel fez a experiência do encontro com Deus e aprendeu a compreender-se e a compreendê-lo com as diversas categorias da escolha, da aliança, da vocação, da reconciliação etc... (DI SANTE, 1989, p. 15)

O espaço litúrgico é um lugar de acolhimento que congrega o povo de Deus para juntos tornarem-se um sinal de fé, incorporando-se no mistério salvífico de Cristo. Testemunhando o que está sendo celebrado já que, comemorar juntos, nos conduz ao mesmo propósito: cantar a fidelidade do encontro com Deus na liturgia da Igreja.

O canto que é entendido como um ato teologal na Igreja, torna-se um fruto da sabedoria, sendo irradiado pela humanidade que celebra de forma encantadora. Desse modo, canta-se uma música de acordo com cada momento da celebração, em respeito a uniformidade da liturgia que revela diferentes estilos de cantar a mesma música.

Allmen destaca que

à semelhança das orações litúrgicas propriamente ditas, podemos distinguir diferentes tipos de hinos: cânticos de aclamação e de confissão (por exemplo, o “amém”, os “aleluias”, o Kyrie, o Sanctus, o Agnus Dei, o Gloria, etc.), os que Thurian denomina “cânticos de meditação”, que servem de elo de ligação entre a leitura e a oração (os Salmos, os cânticos bíblicos e os que exploram o mesmo meio de espiritualidade e constituem a maior parte dos saltérios protestantes), os cânticos que marcam o desenrolar do ato litúrgico (introitos, cânticos de ofertório, responsórios, etc.) (VON ALLMEN, p. 196)

Por isso que Jesus Cristo, assumindo a natureza humana, trouxe para este exílio terrestre aquele hino que é cantado por todo o sempre nas habitações celestes. Ele associa a Si toda

a comunidade dos homens e, une-a consigo na celebração deste divino cântico de louvor. Por esse motivo, não cessamos de cantar em comunhão, unidos a Cristo, o canto de acordo com a Palavra de Deus.

O SC afirma que

a escritura desempenha papel primordial na celebração litúrgica. Fornece as leituras e é explicada na homilia. Cantam-se os salmos, cuja inspiração e sentimento se prolongam nos hinos e orações litúrgicas, conferindo significação às mais diferentes ações. Quando se procura, pois, reformar a liturgia, fazê-la evoluir e adaptá-la, é preciso cuidar para que se conserve, suave e vivo, o gosto pela Sagrada Escritura, que caracteriza a tradição dos ritos, tanto orientais como ocidentais . (SC 83)

A Palavra de Deus é proclamada e cantada nas nossas celebrações, ela é fonte de vida e sinal de esperança para o cristão. Por isso, os ritos estão em conformidade com a Sagrada Escritura, tornando momento fecundo e repleto de luz. Dessa forma, demonstra-se a importância da ritualidade através de palavras e gestos, em especial na iniciação cristã, conduzindo-nos a comunhão.

Segundo Weber,

Cristo, tendo cumprido sua obra redentora, enviou-nos o Espírito prometido. Desde o dia de Pentecostes, o cântico novo continua a vibrar nas cordas da harpa dedilhada pelo Espírito Santo na liturgia da Igreja, como um harmonioso e incessante diálogo entre o Esposo e a Esposa. Este cântico é ainda a imagem e o anúncio do louvor celeste, do cântico novo que o Apocalipse deixa entrever (Ap 5,9). Aquele, sim, será o cântico novo por excelência, liberto dos limites materiais. (WEBER, 1985, p. 733).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, gostaria de ressaltar o valor da dimensão antropológica da música e o canto como fomentadores do encontro e abertura para Cristo, visto que são superadas as questões culturais, as nossas diferenças sociais, pois cantamos juntos, unidos em oração. Os cânticos inspirados pelos primeiros cristãos eram repletos de alegria e, buscavam transmitir tudo aquilo que estavam vivenciando no cotidiano das comunidades. Desta forma, suas reuniões se transformavam em momentos festivos, isto é, num ensejo de ação de graças que por meio da fé comunitária davam testemunho do amor, sendo conduzidos e inspirados pelo Espírito de Deus. Por isso, a música e o canto estão presente durante todo o caminho da iniciação cristã, contribuindo com a experiência de seguir Jesus na comunidade e, sobretudo, vivenciar

a mistagogia, se aprofundando no mistério de Jesus na sua Igreja, cantando um cântico novo, de uma vida nova em Cristo.

REFERÊNCIAS

- BALLARINI, T.; REALI, V., A Poética Hebraica e os Salmos. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- BECKAUSER, A., Celebrar a Vida Cristã, Formação Litúrgica para Agentes de Pastoral, Equipes de Liturgia e Grupos de Reflexão, Petrópolis: Editora Vozes, 1984.
- BENTO XVI, P., O Espírito da Música. Libreria Editrice Vaticana, 2017.
- BOROBIO, D. (org.), A Celebração na Igreja, Liturgia e Sacramentologia Fundamental, Vol. I São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BUYST, I.; FONSECA, J., Música ritual e mistagogia, São Paulo: Paulus, 2008.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II, Constituições Decretos Declarações, Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- DI SANTE, C., Israel em Oração, As origens da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FONSECA, J., Cantando a Missa e o ofício divino. São Paulo: Paulus, 2005.
- RIDLEY, A., A filosofia da Música, Temas e variações. São Paulo: Loyola, 2008.
- RUBIO, A. G., Unidade na Pluralidade, o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs, São Paulo: Paulus, 2006.
- DE LA PENA, J. L., Criação, graça, salvação, São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- SCHELKLE, K. H. RUIZ, A Mãe do Salvador, São Paulo: Paulinas, 1972.
- VON ALLMEN, J. J., O Culto Cristão, Teologia e Prática, São Paulo: Aste, 1968.
- WEBER, J., A música como expressão da espiritualidade, Petrópolis: Editora vozes, 1985, p. 733.
- KOLLING, M. T., Sustentai com Arte a Louvação: a música a serviço da liturgia. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2011. p. 156
- PINTO, T. O., Revista de Antropologia, SÃO PAULO, USP, 2001, V. 44 nº 1 p.224